

Os nós do Irão

O fotógrafo Daniel Blaufuks, um dos mais destacados artistas plásticos portugueses da actualidade, prémio BES Photo 2007, acompanhou a rodagem, no Irão, do novo documentário do cineasta João Mário Grilo, *O Tapete Voador – Cinco Viagens em Torno dos Tapetes do Irão*, que se debruça sobre as origens do tapete persa, deverá antestrear-se no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, nos primeiros dias de Janeiro. Será apresentado ainda antes do encerramento da exposição *O Tapete Oriental em Portugal*, que documenta, pela primeira vez, a presença dos tapetes orientais no nosso país. A equipa de rodagem esteve no Irão entre Junho e Julho de 2007

PORTFOLIO DE DANIEL BLAUFUKS
LEGENDAS DE JOÃO MÁRIO GRILO



Mausoléu de Kohmeini

Dir-se-ia um palácio ou uma mesquita de dimensão e estrutura vanguardista. Trata-se, na verdade, do gigantesco complexo (ainda em construção) que alberga o mausoléu do ayatollah Kohmeini, lugar religioso e sagrado, 20 km a sul de Teerão, num espaço desértico. Nas suas imediações, encontra-se um conjunto de cemitérios, o principal dos quais dedicado aos «mártires» da guerra Irão-Iraque, muitos deles crianças. É um sítio «deslocalizado», fantástico e estranho, e que obriga a uma deslocação propositada



Experiência de «sítio»

Nos grandes bazares iranianos respiram-se atmosferas particulares. Em certos períodos do dia, devido à luz, noutros momentos, por causa dos próprios ciclos diários do bazar. A articulação entre esses factores produz uma intensa experiência de «sítio», onde um cheiro, uma luz, um conjunto de pessoas, é capaz de criar um acontecimento absolutamente irrepetível. Não é raro, por isso, que no mundo desorientante do bazar iraniano se descubra que o que se pensava ser um «local» era, afinal, uma conjugação específica de factores teatrais e cinematográficos, onde o tempo tem um papel predominante



«Cantar» o tapete

Por incrível que possa talvez parecer, estas mulheres estão a fazer um tapete, num tear vertical. É um tapete clássico ou, como se costuma dizer, de «cidade», com cores neutras, contrastes suaves e padrões de geometria rigorosa. O tapete é «cantado» por uma das mulheres – que, ao seguir o desenho milimétrico do padrão, vai dizendo, um por um, o ponto e a cor correspondentes –, produzindo o conjunto uma atmosfera alucinante, e totalmente inimaginável, face ao tapete concluído. Por causa das condições do mercado e da dimensão e natureza das encomendas, os grandes teares verticais são, hoje, difíceis de encontrar. Os que existem – como este, nos arredores de Esfahan – estão habitualmente localizados nos subúrbios das grandes cidades, por vezes, até, em situação de uma quase consentida ilegalidade



Com a tribo Qashqa'i

Quase fim de tarde, no planalto de Dasht-e-Balkan, a norte de Shiraz, um dos territórios dos pastos de Verão da tribo Qashqa'i (ou do que resta dela). Duas vezes por ano – na Primavera e no Outono – as tribos nómadas do Irão deslocam-se para as montanhas e para os vales, a fim de protegerem os rebanhos do clima extremo, preservando, assim, a qualidade dos pastos e da lã. Dash-e-Balkan fica a quase 3 mil metros de altitude; é um cenário extraordinário, onde, antigamente, se reuniam perto de 50 mil animais. Hoje, está quase vazio. Permanecemos neste sítio três dias, coabitando com a família de um chefe Qashqa'i, que é um dos grandes protagonistas do documentário. Recordo os aviões intercontinentais a passar a uma altitude inusitadamente próxima e a arma carregada com que o chefe dormia... (explicava ele, por causa dos ursos)



Primeiro dia de filmagens

Estávamos em Abolhayath, um aldeia a 200 km a sul de Shiraz, que é uma verdadeira colmeia de teares. O calor era abrasador, muito próximo dos 50 graus no exterior a que há que somar as luzes que o Rui Poças (director de fotografia) colocou no interior da casa. Estamos a filmar um par de tecelãs a tecer o mesmo tapete. Foi uma rodagem difícil: por ser o primeiro dia, pelas condições físicas a que ninguém se tinha ainda habituado e pela própria dificuldade de uma equipa de homens invadir o espaço preservado das mulheres (o que se presente muito bem na imagem do Daniel). Na iminência de uma expulsão e de algumas ameaças (pelo irmão de uma das tecelãs), lá conseguimos terminar a sequência in extremis, numa situação de absoluta clandestinidade e já com a noite (e o ar um pouco mais fresco) a despontar no exterior.



Admirável coreografia

Esta será, sem dúvida, uma das situações emblemáticas de *O Tapete Voador*, decerto uma das que maior prazer nos deu durante a montagem do filme. É um momento perfeito: qual aranha excepcionalmente concentrada e totalmente desprendida da situação de filmagem, uma tecelã de Abolhayath tece, em frente da câmara, um fragmento do seu grande tapete vermelho. A luz é magnífica e tudo estava certo, a começar pelo despojamento do décor. A fotografia indica, mas não restitui, inteiramente, a perfeição da performance: a rotina dos gestos, a admirável coreografia, a regularidade dos sons, a distância da câmara e a dança silenciosa e íntima que o cinema estabeleceu, neste momento, com uma arte tão diferente (ou talvez nem tanto...).



Amigos no Irão

Este projecto tem muitos amigos no Irão: as pessoas da equipa de filmagens, por exemplo, e apoios sólidos e decisivos, particularmente os prestados pela família Miri, proprietária de uma das mais reputadas produtoras de tapetes iranianos. Tal permitiu-nos entrar em lugares de muito difícil acesso, como o interior das casas e das famílias. As crianças desta fotografia não aparecem no filme, mas estiveram lá sempre, olhando o que fazíamos. O que revejo, hoje, nesta imagem, não é tanto o que elas são, mas a incógnita desse olhar que sobre nós deitam. É uma imagem autêntica, porque o que nela se vê é o que dela está ausente: uma equipa de filmagens à procura de um filme, descobrindo, dia a dia, que entre as pessoas e os povos todas as ligações são ainda possíveis. Apesar do resto (que não é pouco)

O tapete de Mina

Mina tece em Dikanak, pequena aldeia da província de Fars. Quando a vimos, pela primeira vez, em Fevereiro, estava no início do seu tapete, uma comprida passadeira vermelha encomendada por alemães. Na altura das filmagens, em Junho, avançara alguns metros e lutava já contra o tempo, para ter o trabalho pronto no prazo da encomenda (Outubro). Foi um dos momentos em que pensei até que ponto a tecelagem e o cinema são parecidos: nó a nó (quase sempre, para cima de 200 mil), plano a plano, tapete e filme vão dando forma a uma totalidade que só parcialmente é previsível. Felizmente

